



HERMENÊUTICA EM MOVIMENTO: A TAREFA DA INTERPRETAÇÃO

Fábio César Junges*

RESUMO:

O presente texto se movimenta numa complexidade de ser em que a história da hermenêutica não pode ser separada da hermenêutica desta mesma história. Em movimento do início ao fim numa circularidade hermenêutica, os intérpretes estão sempre envolvidos por aquilo que interpretam. Não apenas os autores clássicos são interpretados por um processo argumentativo, mas os próprios intérpretes são interpretados no processo de compreensão dessa trajetória histórica em que alguns se tornam clássicos.

PALAVRAS-CHAVE: Hermenêutica. Linguagem. História.

1 Introdução

Para falar de hermenêutica é preciso ter presente o debate hermenêutico moderno. Por isso, o desenvolvimento a seguir será realizado a partir do pensamento de Adorno, em concomitância com a constituição da hermenêutica na filosofia contemporânea. Este recurso se faz ainda mais necessário e se coloca praticamente como uma exigência em virtude de Adorno não se constituir, historicamente, parte deste debate. Quando se fala em hermenêutica, Adorno não figura entre os considerados pensadores clássicos deste modelo de se fazer filosofia e se compreender no mundo.

Há que se dizer, no entanto, que a intenção não é de que enquadrar Adorno dentro de determinada perspectiva ou vertente hermenêutica. Toda filosofia de Adorno é justamente uma rejeição às identificações, aos sistemas, às sínteses acabadas. Enquadrá-lo numa perspectiva seria uma violência com a filosofia de

* Doutorando em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo, com o apoio do CNPq. Professor da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões e do Instituto Missioneiro de Teologia, Santo Ângelo. Contato: fabiocesarjunges@yahoo.com.br

quem sempre resistiu ao sistema. Portanto, a tarefa é mais de apontar contribuições da filosofia de Adorno para o debate hermenêutico. Esta, contudo, terá que ser desenvolvida com a resistência adorniana e na perspectiva de sua resistência.

2 A tarefa do pensamento

Muitos são os elementos que são colocados para a hermenêutica a partir do pensamento filosófico de Adorno. A interpretação, neste sentido, vive um “perpétuo paradoxo”. Não é um paradoxo instantâneo, mas este se perpetua ao longo de toda a sua tarefa. Em que consiste este paradoxo? De que deva proceder interpretando, com pretensão de verdade, sem possuir a chave segura para tal¹. A interpretação não é definitiva; antes de chegar ao final do processo, com um resultado definitivo, o pensamento “continuamente deve recomeçar”², justamente onde tem encontrado algum resultado.

É por causa desta perspectiva que se pode falar em hermenêutica em Adorno. Há, neste caso, uma clara proximidade do pensamento de Adorno com o aforismo nietzscheano sobre fenômenos morais: “não existem fenômenos morais, mas uma interpretação moral dos fenômenos”³. Mas, neste caso, a reflexão não se revelaria como um círculo vicioso ou um perspectivismo extremado? Se a tarefa da reflexão fosse se resumir à interpretação num eterno paradoxo, então a resposta possivelmente seria positiva. A interpretação, no entanto, não é realizada de qualquer modo, mas com “pretensão de verdade”.

Enquanto em não poucos pensamentos pós-modernos a questão da verdade tem sido relegada ao esquecimento, Adorno a coloca no centro. O que importa na interpretação é o assegurar das condições sociais vigentes ou a verdade? Não se pode entender a pretensão de verdade como tentativa de se chegar à realidade mesma, enquanto adequação do pensamento à realidade. Esta é justamente a crítica adorniana aos projetos ontológicos e idealistas, com o pressuposto de que o ser é adequado e acessível ao pensamento. A verdade

¹ Adorno realizou o intento de esclarecer a si mesmo uma reconstrução interpretativa da realidade mediante dez “Teses sobre a linguagem do filósofo”, ADORNO, Theodor W. Thesen über die Sprache des Philosophen. In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 1. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003, 2003. p. 366-371, formuladas na mesma época da preleção sobre “A atualidade da filosofia”.

² ADORNO, Theodor W. Die Aktualität der Philosophie. In: ADORNO, v. 1, 2003, p. 334.

³ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 82.

precisa ser entendida como pretensão de se chegar à “realidade correta e justa”⁴, enquanto questionadora das condições sociais injustas vigentes. No dizer de Mueller, “aqui Adorno se afasta de um relativismo e de um pragmatismo que escamoteiam a pergunta pela verdade, que é parte da compreensão clássica da filosofia”⁵.

A interpretação da realidade com pretensão de verdade se dará sem uma chave hermenêutica certa. Não há nenhuma chave hermenêutica segura para se chegar à verdade. O não possuir a chave segura não é, contudo, privilégio somente da filosofia. Não adianta, também, recorrer ao idealismo ou ao sociologismo filosófico, pois o primeiro “escolheu umas grandes demais; não entraram de maneira alguma no olho da fechadura”, e o segundo “as escolhe muito pequenas; a chave entra, mas a porta não se abre”⁶. Ao invés de uma chave certa, são dados apenas indícios fugazes e evanescentes. A tarefa reflexiva é justamente a interpretação destes indícios fugazes e passageiros. Onde podem ser encontradas tais indicações? Adorno responde de vários modos esta pergunta, como é próprio do seu pensamento dialético negativo. Sua resposta se encontra na continuidade da citação acima, enquanto metáfora do tecelão que não ignora os menores dos fios da história.

A história da filosofia outra coisa não é que a história de tais entrelaçamentos; por isso lhe são atribuídos poucos “resultados”; por isso continuamente deve-se começar de novo; por isso não pode ela prescindir do mais insignificante fio que o tempo entrelaçou e, quem sabe, complete a trama que poderia transformar as cifras em um texto⁷.

Não há, portanto, uma realidade ou um sentido por detrás da realidade que exige uma interpretação, mas entrelaçamentos, razão pela qual são dados poucos resultados ou quando estes se apresentam, percebe-se que continuamente é preciso recomeçar, uma vez que o primeiro achado é apenas “um sinal que a desafia a decifrar”. A tarefa interpretativa destes entrelaçamentos não poderá negar sequer o mais insignificante fio que o tempo entrelaçou, pois justamente o mais insignificante de todos pode ser aquele que completa a trama, pode ser a chave e a solução do problema. O que há, portanto, são cifras que desafiam a interpretação e

⁴ ADORNO, Theodor W. Die Aktualität der Philosophie. In: ADORNO, v. 1, 2003, p. 325.

⁵ MUELLER, Enio R. *Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009, p. 34.

⁶ ADORNO, Theodor W. Die Aktualität der Philosophie. In: ADORNO, v. 1, 2003, p. 340.

⁷ ADORNO, Theodor W. Die Aktualität der Philosophie. In: ADORNO, v. 1, 2003, p. 334.

configuram o pensamento de Adorno como “interpretação do mundo das coisas em seu caráter de cifra”⁸.

A subjetividade do seu pensamento [de Benjamin] inclinava-se mais para diferença específica; o momento idiossincrático de seu próprio intelecto, o que ele tinha de singular – voltar-se para aquilo que, no modo tradicional de filosofar, seria considerado ocasional, efêmero e totalmente insignificante – confirma-se nele como a via de acesso ao obrigatório. A frase de que no conhecimento o mais individual é o mais universal ajusta-se-lhe inteiramente⁹.

A tarefa interpretativa dos indícios fugazes que se esfumam aproxima-se da noção de Benjamin¹⁰ sobre a tarefa do cronista dos acontecimentos da história. “O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”¹¹. Narrar os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos é a tarefa do cronista que não considera nada do que um dia aconteceu, mesmo o mais fugaz e passageiro, como sendo perdido para a história. Ainda em outra passagem das teses sobre a história, onde Benjamin descreve o “Angelus novus” da história, vê-se grandes aproximações com Adorno sobre a tarefa da filosofia. É relevante lembrar aqui a interpretação de Paulo Schneider sobre a nona tese da história de Benjamin:

É a condição humana descrita como o anjo apavorado da 9ª Tese de *Sobre o conceito de História*, que já sempre faz parte do que vê e desaprova a ponto de ser sem poder alçar o seu vôo para algum além onde seriam apresentadas as garantias da fundamentação absoluta ou grande novo início sem as ingerências do que já foi produzido em termos de sentido

⁸ MÜLLER-DOOHM, Stefan. *En tierra de nadie*. Theodor W. Adorno: una biografía intelectual. Barcelona: Herder, 2003, p. 223.

⁹ ADORNO, Theodor W. Caracterização de Walter Benjamin. In: COHN, Gabriel. *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1986, p. 189.

¹⁰ Adorno recebeu grande influência dos escritos de Benjamin. Segundo Müller-Doohm, Benjamin inclusive escreveu uma carta a seu amigo Gershom Sholem queixando-se de que Adorno teria feito próprias, em várias ocasiões, suas ideias e suas descobertas. Em carta de Benjamin a Adorno de julho de 1931 ele pede a Adorno, caso fosse publicada sua preleção inaugural, que fizesse referência à introdução do seu livro sobre o barroco alemão. Adorno se defendeu argumentando que havia coincidências fundamentais entre os dois e que não poderia simplesmente se ignorar, cf. MÜLLER-DOOHM, 2003, p. 220-221. Cabe ainda ressaltar que, com exceção do texto da preleção, não publicada naquele contexto, em todos os demais escritos Adorno fez as devidas referências ao pensamento de Benjamin, que “passou a ser [para Adorno] mais importante do que Kracauer; viam-se durante as estadas de Benjamin em Frankfurt e de Adorno em Berlim”, cf. WIGGERSHAUS, Rolf. *Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: Difeel, 2002, p. 114.

¹¹ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 223.

objetivado e instaurado historicamente e de que faz parte. A libertação, ao contrário disso, inicia-se vendo e indicando a catástrofe¹².

Quando o anjo da história olha para o passado, ao invés de ver um encadeamento de acontecimentos, ele vê um amontoado de ruínas sobre ruínas e gostaria de “deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos”¹³. O modo como Adorno vê é análoga à tentativa, apesar de frustrada, do anjo da história, isto é, de acordar os mortos e juntar os fragmentos, não se esquecendo do menor deles, do menor fio que o tempo entrelaçou. A interpretação de Schneider da nona tese de Benjamin sobre o conceito de história se aproxima em boa medida ao que Adorno aponta em “Dialética negativa” como condição da liberdade do pensamento. “Lá onde o pensamento se projeta para além daquilo a que, resistindo, ele está ligado, acha-se a sua liberdade. A necessidade de dar voz ao sofrimento é condição de toda verdade”¹⁴.

Quem interpreta, quando procura atrás do mundo dos fenômenos um mundo em si, que lhe serve de base e o sustenta, se comporta como alguém que quisesse procurar no enigma a reprodução de um ser que se encontra detrás, que o enigma reflete, em que se deixa sustentar; enquanto que a função para a solução do enigma é iluminar como um relâmpago a sua figura e fazê-la emergir, e não teimar em ir até o fundo do enigma e assemelhar-se a ele. A autêntica interpretação filosófica não aceita um sentido que já se encontra pronto e permanente por detrás da questão, e sim a ilumina repentina e instantaneamente e, ao mesmo tempo, a consome¹⁵.

A história mostra que, não poucas vezes, procurou-se um mundo por detrás da realidade ou um sentido inerente aos processos históricos. Adorno rechaça para bem longe este tipo de pensamento. Tal tentativa se aproxima da atitude de querer encontrar um ser por detrás de um enigma que se exige ser solucionado, quando a função da solução de enigmas é justamente o contrário, ou seja, com o encaixe da menor das peças, fazer aparecer a figura a um só golpe, consumindo repentina e instantaneamente a questão que desafiava solução. A autêntica interpretação não procura um sentido pronto e permanente, mas faz com que os sinais indecifráveis se transformem em texto, nunca se esquecendo de que o que é preciso ser

¹² SCHNEIDER, Paulo Rudi. *A contradição da linguagem em Walter Benjamin*. Ijuí: Unijuí, 2008, p. 443.

¹³ BENJAMIN, 1994, p. 223.

¹⁴ ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 24.

¹⁵ ADORNO, Theodor W. Die Aktualität der Philosophie. In: ADORNO, v. 1, 2003, p. 335.

interpretado “é incompleto, contraditório e fragmentário e grande parte dele pode estar entregue a cegos demônios”¹⁶.

3 O ensaio como ideia de interpretação

Apesar de já assinalado várias vezes o caráter fragmentário dos escritos de Adorno, com sua recusa a todo sistema de pensamento, é preciso realizar uma reflexão mais pormenorizada sobre esta questão. A forma com que Adorno expressa o seu pensamento é intrínseca a sua compreensão de interpretação. Para ele, a clareza de um texto está facilmente para o totalitarismo e para o sistema, perdendo sua potência criadora. Essa é uma das razões de seus escritos serem linguisticamente difíceis e muitos em forma de ensaio. Não é acidental o fato de Adorno publicar muitas de suas ideias em ensaios e aforismos ao invés de tomos volumosos tão característicos da filosofia alemã, dedicando-se inclusive a escrever sobre “O ensaio como forma”, onde afirma que

O ensaio não deixa que lhe prescrevam o âmbito da competência. Ao invés de executar algo científico ou produzir algo artístico, o seu esforço ainda espelha a disponibilidade infantil, que, sem escrúpulos, se entusiasma com aquilo que outros já fizeram. O ensaio reflete o amado e o odiado, ao invés de conceber o espírito como uma criação a partir do nada, segundo o modelo de uma ilimitada moral do trabalho. [...]. Ele não começa com Adão e Eva, mas com aquilo de que quer falar; diz o que lhe ocorre, termina onde ele mesmo acha que acabou e onde nada mais resta a dizer: assim ele se insere entre os despropósitos. Seus conceitos não se constroem a partir de algo primeiro nem se fecham em algo último¹⁷.

A escrita aforística, em fragmentos e em ensaios é próprio da ideia de interpretação¹⁸. Adorno não tem interesse nas sínteses acabadas e muito menos em chegar ao solo ontológico da realidade em questão. O que importa é a realidade, em seus entrelaçamentos, que exige ser interpretada, considerando os seus menores

¹⁶ ADORNO, Theodor W. Die Aktualität der Philosophie. In: ADORNO, v. 1, 2003, p. 334.

¹⁷ ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: COHN, 1986, p. 168.

¹⁸ Os demais integrantes da Escola de Frankfurt também tiveram o caráter de escrita aforística, inclusive Benjamin talvez tenha sido o mais radical de todos, o que explica o comentário de Jay. “Embora Adorno e Marcuse fossem menos relutantes a publicar seus escritos em livros completos, também resistiram à tentação de converter esses livros em exposições filosóficas sistemáticas e positivas” (JAY, Martin. *La imaginación dialéctica: una historia de la Escuela de Frankfurt*. Madrid: Taurus, 1989, p. 87). Neste sentido, Adorno se aproxima de tantos outros filósofos não sistemáticos para além da Escola de Frankfurt, como é o caso de Nietzsche e Foucault. Este último, por exemplo, em “Arqueologia do saber”, reflete sobre esta opção ironicamente: “mais de um, como eu sem dúvida, escreveu para não ter mais fisionomia. Não me pergunte quem sou eu e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever” (JAY, 1989, p. 87).

fios. Trata-se da renúncia de procurar um “quadro fechado e ordenado do pensamento, dentro do qual todas as coisas são dotadas de sentido e intencionalidade”¹⁹. Isto requer a disposição para retornar à vida mesma e ali tentar ouvir o que ela diz. Trata-se de um ato de coragem e é condição para toda verdade, pois o mundo das coisas mesmas é um mundo danificado, cuja profunda desesperança poucos olhos estão dispostos a encarar filosoficamente.

“O ensaio tem que conseguir que a totalidade brilhe por um momento em um traço escolhido ou encontrado, sem que se afirme que ela esteja presente”²⁰. Adorno sempre usa várias designações para o exercício interpretativo, “rodeando os conceitos com outros conceitos em diferentes tentativas de formar constelações, até que a figura apareça (não um conceito)”²¹. O exercício interpretativo de Adorno é justamente fazer com que, a partir de diversas designações da realidade, fazer brilhar a centelha hermenêutica por um momento em um traço escolhido ou encontrado.

Neste contexto, cabe uma aproximação do pensamento de Adorno com o de Benjamin, uma vez que a tese de Benjamin sobre “Origem do drama barroco alemão”, escrita em 1925, portanto, seis anos antes de “A atualidade da filosofia”, exerceu grande influência sobre o pensamento de Adorno. Em 1931, quando assumiu seminários de estéticas na Universidade de Frankfurt como professor não titular, Adorno trabalhou com seus alunos especialmente a tese de Benjamin que, por ironia da história, não foi aceita quando, em 1925, Benjamin queria, por meio dela, tornar-se assistente na Universidade de Frankfurt, considerada “incompreensível”, por Cornelius e Horkheimer²². Para Müller-Doohm, o que atraiu Adorno na tese de Benjamin foi o prefácio epistemológico da obra, onde é tratada de modo eloquente a questão da verdade²³. Para Benjamin, a verdade expressa um ser não intencional e, portanto, se encontra para além do sujeito e a seu poder de disposição.

¹⁹ JUNGES, Fábio César; JACOBSEN, Eneida. Condições para um pensar justo e responsável: contribuições de Theodor Adorno. In: XVI SIIC 2010, Santiago. *ACTA do XIV Seminário de Integração de Pesquisa e Pós-graduação: sustentabilidade, biodiversidade e avanços tecnológicos*. Santiago: EDIURI, 2010, p. 57.

²⁰ ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: COHN, 1986, p. 180.

²¹ MUELLER, 2009, p. 71, nota de rodapé 142.

²² WIGGERSHAUS, 2002, p. 113.

²³ MÜLLER-DOOHM, 2003, p. 217.

Segundo Benjamin, o conteúdo da verdade somente pode ser captado imergindo de maneira mais precisa nos detalhes particulares de um estado de coisas concreto. [...]. Mais tarde, a partir da elaboração de sua preleção inaugural, Adorno fez totalmente sua a intenção de definir a verdade como um ser não intencional. Em posteriores obras filosóficas procurou precisar esta posição, posicionando-se contrário tanto à filosofia da consciência quanto à empírica, e a elaborá-la como teoria de uma experiência não reduzida²⁴.

Para Benjamin, o caminho à verdade é vedado justamente ao *logos* de intenção definidora e, para não se perder nesse caminho de queda livre, a reflexão interrompe a continuidade de conceito a conceito para voltar à própria coisa. Por isso, sua crítica, tal como Adorno, a todo sistema, e sua proposta alternativa de tratado, de crônica, de narrativa. O sistema exige conexão argumentativa, de modo que a verdade aparece em forma de proposição. O tratado ou a narrativa, apesar de também ter que fazer uso de conceitos²⁵, procura metodicamente o desvio: “nisso consiste a natureza básica do tratado. Incansável, o pensamento começa sempre de novo, e volta sempre, minuciosamente, às próprias coisas. Esse fôlego infatigável é a mais autêntica forma de ser da contemplação”²⁶.

A narrativa, em seus desvios, nunca poderá apresentar a verdade num fôlego só, mas apenas, após muitas tentativas, a soma dos caminhos faz surgir a imagem requerida. O tomar fôlego da reflexão significa precisamente interromper o fluxo da intenção de instrumentação e de comunicação de algo de fora, e assim voltar-se ao encontro das coisas mesmas, em que o sujeito e o objeto estão intrínseca e diretamente conjugados. Benjamin compara esse método com um mosaico, e com essa imagem procura distanciar-se da figura do sistema. “Tanto o mosaico como a contemplação justapõem elementos isolados e heterogêneos, e nada manifesta com mais força o impacto transcendente, quer da imagem sagrada, quer da verdade”²⁷.

As metáforas de Adorno sobre o tecelão que não ignora o menor dos fios e o solucionador de enigma que encaixa a menor das peças e faz saltar, a um só golpe,

²⁴ MÜLLER-DOOHM, 2003, p. 218.

²⁵ Conforme Adorno, “o caráter de adivinhação e de certa enigmática que ele mesmo [Benjamin] emprestou aos aforismos de *Einbahnstrasse* (e que marca tudo o que ele chegou a escrever) tem o seu fundamento neste paradoxo [da possibilidade no impossível]. Mesmo assim, interpretá-lo e decifrá-lo, com os únicos meios de que dispõe a filosofia – os conceitos – foi sua motivação exclusiva para mergulhasse em reservas no múltiplo”, cf. ADORNO, Theodor W. Caracterização de Walter Benjamin. In: COHN, 1986, p. 200.

²⁶ BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 50.

²⁷ BENJAMIN, 1984, p. 50-51.

a solução do mesmo, são análogas e adquirem maior eloquência na aproximação com a metáfora da constituição do mosaico de Benjamin. As metáforas são constitutivas do pensamento de ambos os autores. A tese defendida por Schneider de que em Benjamin “a contradição da linguagem é o ponto focal a ser considerado para a compreensão da atividade filosófica”²⁸ também se inscreve para a atividade de pensamento de Adorno. O uso de metáforas, de imagens e de conceitos diferenciados para expressar o mesmo conteúdo torna o pensamento de ambos os autores complexo, mas é condição da própria tarefa de pensamento por eles descrita: a solução de enigma num relâmpago e na montagem do mosaico em sua fragmentação caprichosa de partículas.

4 A atualidade de cada interpretação

Explicitamente, como já assinalado na introdução, Adorno não denominou o seu pensamento de hermenêutica. Várias razões poderiam ser elencadas por tal recusa. A primeira delas, que se apresenta como a mais significativa, Adorno não circunscreve o seu pensamento dentro de categorias determinadas, pois “renuncia a conceitos gerais invariáveis”²⁹. Pelo contrário, ele apresenta elementos singulares e dispersos em diferentes ordenações, e a leitura terá que juntá-los em uma figura, da qual salta a resolução da questão, ao mesmo tempo em que a mesma desaparece. Nesta perspectiva, Adorno, no seu exercício interpretativo, realizou uma verdadeira ascese para não circunscrever seu pensamento dentro de um quadro fechado e ordenado, razão pela qual é praticamente impossível enquadrá-lo, o que o torna atual em cada interpretação.

Outra razão que se coloca de sua recusa pela denominação de seu pensamento de hermenêutica parece resultar de sua posição crítica a Heidegger, uma das principais referências da hermenêutica contemporânea³⁰. Outra razão, ainda, encontra-se no texto “Para o estudo da filosofia”, de 1955. “A questão da verdade não pode ser adiada por considerações hermenêuticas preliminares, quando elas não devem ser esquecidas”³¹. Adorno vê que a hermenêutica tem se ocupado com considerações preliminares, adiando a pergunta pela verdade que,

²⁸ SCHNEIDER, 2008, p. 299.

²⁹ ADORNO, Theodor W. Die Aktualität der Philosophie. In: ADORNO, v. 1, 2003, p. 339.

³⁰ MUELLER, 2009, p. 59.

³¹ ADORNO, Theodor W. Zum Studium der Philosophie. In: ADORNO, v. 20/1, 2003, p. 323.

como já visto, é central no seu pensamento. Aqui pode haver uma aproximação com Gadamer, especialmente com “Verdade e método”³², que representa um “movimento de resistência aos rigorosos procedimentos científicos das ciências naturais”³³ com suas preocupações exageradas com as questões de método, esquecendo-se do essencial: a verdade.

Colocadas as principais reservas de Adorno não se autodenominar de hermeneuta no sentido contemporâneo do conceito, pode-se ver em que sentido ele se aproxima da hermenêutica contemporânea. A intenção está longe de querer enquadrá-lo nesta ou naquela perspectiva. A tentativa é de apenas procurar vestígios textuais, e no jogar e brincar com os seus conceitos em constelações diversas esperar que a centelha hermenêutica, em um só instante, configure seu pensamento interpretativo como próxima à vertente filosófica contemporânea, denominada de filosofia hermenêutica³⁴. Em uma preleção de 1960 são dados primeiros indícios dessa aproximação.

Existem motivos que, claro, procedem tão profundamente do curso da história, daquilo que no passado a gente chamava de espírito da época, que fazem com que tais coisas em comum se impõem mesmo por sobre extremas diferenças de posições. Uma dessas coisas em comum é, certamente, o conceito de filosofia como interpretação (*Deutung*) ou, como se tem costumado chamar na Escola de Heidegger, levado adiante por Dilthey, de passagem para a hermenêutica, a qual, no entanto, como tal entrementes tem se estabelecido academicamente e acabou sendo fundida com uma *prima philosophia* no estilo antigo³⁵.

Esta passagem revela que Adorno vê uma aproximação de seu projeto com a filosofia hermenêutica. Esta não se deve a intenções explícitas do autor. São devidas ao “curso da história” ou ao “espírito da época” que se estabelecem apesar das mais “extremas diferenças de posições”. Estas extremas diferenças de posições

³² GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

³³ ADAMS, Adair; JUNGES, Fábio César. Hermenêutica e consciência histórica em Gadamer. *Missioneira*, Santo Ângelo, n. 57, p. 9-24, jun. 2010, p. 24.

³⁴ Na medida, portanto, em que aqui se fala em filosofia hermenêutica as demais acepções contemporâneas da mesma são, de antemão, rechaçadas, dentre elas, a hermenêutica técnica e a hermenêutica filosófica. Dentre outros textos que fazem estas mesmas distinções, podem ser lembrados como referências Stein e Ruedell. STEIN, Ernildo. Intepretacionismo: a tradição hermenêutica diante de duas novas propostas. In: REIS, Róbson Ramos dos; ROCHA, Ronai Pires da (Orgs.). *Filosofia hermenêutica*. Santa Maria: UFSM, 2000. RUEDELL, Aloísio. *Da representação ao sentido: através de Schleiermacher à hermenêutica atual*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

³⁵ ADORNO, Theodor W. Zur Lehre von der Geschichte und von der Freiheit. In: ADORNO, Theodor W. *Nachgelassene Schriften*. Herausgegeben vom Theodor W. Archiv, v. 4/13. Frankfurt: Suhrkamp, 1993, p. 182.

sugerem que seja em referência a Heidegger. Apesar de toda crítica de Adorno a Heidegger, ele admite que tenha, afinal, uma proximidade entre os dois projetos. Em que sentido, então, revela-se uma proximidade? Uma dessas coisas em comum é, certamente, o conceito de interpretação. Os dois projetos filosóficos, portanto, situam-se na passagem da filosofia da consciência para a hermenêutica.

Apesar da proximidade de ambos, Adorno apresenta uma ressalva. A passagem da filosofia para a hermenêutica tem se revelado “como uma *prima philosophia* no estilo antigo”. O problema é a crescente ontologização da hermenêutica, o que Adorno historicamente criticou em Heidegger. Apesar da proximidade com o projeto filosófico de Adorno, em Heidegger se vê o problema ou a questão hermenêutica se circunscrever na passagem da epistemologia à ontologia, isto é, tem-se “uma nova ontologia que se volta contra a ontologia tradicional”³⁶. Adorno vê possibilidades para uma filosofia hermenêutica, desde que ela renuncie a possibilidade de ser uma nova *prima philosophia* e passe a olhar as pequenas coisas e faça surgir de “dentro do detalhe a centelha hermenêutica”³⁷.

A hermenêutica foi proscrita. E com razão: porque ela limitou os conteúdos da música ao perímetro da diversidade das experiências subjetivas [...]. No entanto, na crítica da hermenêutica, como na do “subjetivismo” como um todo, tem-se procedido muito sem cuidado e, portanto, perdeu-se a verdadeira objetividade. Pois a música, como performance vazia, foi cortada de todos os seus conteúdos. [...]. A genuína hermenêutica deveria aprender a compreender pergunta e resposta a problemas e soluções técnicas como linguagem daquilo que brilha por meio da música, sem se desvanecer nela como sua “expressão” subjetiva³⁸.

A crítica de Adorno à hermenêutica não se dá somente por sua crescente ontologização, mas também quando a mesma é subjetivizante. “A crítica à hermenêutica musical destrói qualquer interpretação da música como reprodução poética de conteúdos psíquicos”³⁹. Trata-se de uma crítica ao modo de Schleiermacher e de Dilthey compreender a hermenêutica, com suas tentativas de reconstrução da intenção dos autores das obras. O problema da hermenêutica, portanto, está na separação entre a música e seus conteúdos, tornando-a “performance vazia”. A autêntica hermenêutica precisa rodear o conteúdo com

³⁶ JUNGES, Fábio César. Da epistemologia à ontologia: a hermenêutica como deslocamento de questionamento em Heidegger. *Via Teológica*, n. 17, p. 149-168, junho de 2009, p. 154.

³⁷ ADORNO, Theodor W. Einleitung zu Emile Durkheim, “Sociologie und Philosophie”. In: ADORNO, v. 8, 2003, p. 269.

³⁸ ADORNO, Theodor W. Musikalische Aphorismen. In: ADORNO, v. 18, 2003, p. 20.

³⁹ ADORNO, Theodor W. Schubert. In: ADORNO, v. 17, 2003, p. 24.

perguntas e respostas ao ponto de brilhar a faísca hermenêutica. A tarefa, portanto, da autêntica hermenêutica é de fazer saltar a “centelha hermenêutica”, acionando todo um processo interpretativo.

5 Conclusão

Movimento após movimento, com a aproximação de diversos conceitos que formaram constelações de pensamento, esperou-se fazer saltar a centelha hermenêutica: a ideia de interpretação de si. A própria forma do argumento pretendeu se aproximar do modo como Adorno compreende o exercício interpretativo. Com o exercício de interpretação, esperou-se apenas o cintilar, vez por outra, da centelha hermenêutica e de modo evanescente. Na medida em que se desprendia uma dessas faíscas, iluminava-se a tese esboçada de modo paradigmático na introdução.

Mas ao mesmo tempo em que a centelha se desprendia e iluminava repentinamente a questão, também ela se desfazia e mantinha na penumbra o que havia sido iluminado. Trata-se da própria exigência do exercício interpretativo conferido por Adorno. Realidade, interpretação, verdade e chave interpretativa são os conceitos que permitiram formar algumas constelações de pensamento. O pensamento ainda tem chances, enquanto interpretação da realidade, com pretensão de verdade, sem possuir a chave segura para tal. Os elementos singulares espalhados, os mais insignificantes fios de sua filosofia, neste sentido, precisaram ser considerados, pois, inclusive o menor deles, quando colocado em diferentes arranjos com os demais, fez saltar, mesmo que instantaneamente, a solução do enigma.

Portanto, o rompimento do pressuposto dos grandes projetos passados exige uma razão responsável, a partir de dois movimentos de pensamento: o primeiro crítico, enquanto renúncia de chegar à totalidade da realidade, e o segundo positivo, enquanto preservação da “esperança de uma vez se chegar a essa realidade certa e justa”⁴⁰. Ao pensamento, nesta perspectiva, são dados apenas indicações passageiras daquilo que está aí. Interpretar os entrelaçamentos históricos dessas indicações, nisso consiste a grande tarefa do pensamento, ao

⁴⁰ MUELLER, 2009, p. 38

invés de querer “desenvolver, a partir de si mesma, o conceito de realidade e de toda realidade”⁴¹.

A interpretação da realidade exige um olhar audacioso para as pequenas coisas. Exige que se olhe para dentro das brechas, das fissuras da realidade enclausurada e sufocada pelo sistema. Essas fissuras, não completamente encobertas pelo sistema enquanto tal, revelam sinais, cifras, fios insignificantes da história a partir dos quais é possível espiar a realidade de um modo diferente, sem que a mesma seja igualmente enclausurada em um novo projeto ontológico ou idealista. Essas fissuras, portanto, são indícios de que existe outra realidade possível e sua interpretação é indício da atualidade do pensar hoje.

6 Referências

ADAMS, Adair; JUNGES, Fábio César. Hermenêutica e consciência histórica em Gadamer. *Missioneira*, Santo Ângelo, n. 57, p. 9-24, jun. 2010.

ADORNO, Theodor W. Caracterização de Walter Benjamin. In: COHN, Gabriel. *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. Die Aktualität der Philosophie. In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 1. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003.

_____. Einleitung zu Emile Durkheim, “Sociologie und Philosophie”. In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 8. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003.

_____. Musikalische Aphorismen. In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 18. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003.

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel. *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Schubert. In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 17. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003.

_____. Thesen über die Sprache des Philosophen. In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 1. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003.

⁴¹ ADORNO, Theodor W. Die Aktualität der Philosophie. In ADORNO, v. 1, 2003, p. 339, p. 336.

_____. Zum Studium der Philosophie. In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 20/1. Berlin: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003.

_____. Zur Lehre von der Geschichte und von der Freiheit. In: ADORNO, Theodor W. *Nachgelassene Schriften*. Herausgegeben vom Theodor W. Archiv, v. 4/13. Frankfurt: Suhrkamp, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

JAY, Martin. *La imaginación dialéctica: una historia de la Escuela de Frankfurt*. Madrid: Taurus, 1989.

JUNGES, Fábio César. Da epistemologia à ontologia: a hermenêutica como deslocamento de questionamento em Heidegger. *Via Teológica*, n. 17, p. 149-168, junho de 2009.

_____.; JACOBSEN, Eneida. Condições para um pensar justo e responsável: contribuições de Theodor Adorno. In: XVI SIIC 2010, Santiago. *ACTA do XIV Seminário de Integração de Pesquisa e Pós-graduação: sustentabilidade, biodiversidade e avanços tecnológicos*. Santiago: EDIURI, 2010.

MUELLER, Enio R. *Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

MÜLLER-DOOHM, Stefan. *En tierra de nadie. Theodor W. Adorno: una biografía intelectual*. Barcelona: Herder, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SCHNEIDER, Paulo Rudi. *A contradição da linguagem em Walter Benjamin*. Ijuí: Unijuí, 2008.

STEIN, Ernildo. Intepretacionismo: a tradição hermenêutica diante de duas novas propostas. In: REIS, Róbson Ramos dos; ROCHA, Ronai Pires da (Orgs.). *Filosofia hermenêutica*. Santa Maria: UFSM, 2000. RUEDELL, Aloísio. *Da representação ao sentido: através de Schleiermacher à hermenêutica atual*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

WIGGERSHAUS, Rolf. *Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: Difeel, 2002.